

camponeses, em momentos específicos de calamidade pública, como as secas. De um lado, é possível investigar os mecanismos políticos de escolha dos representantes entre os “flagelados” e também as propostas surgidas após os debates na conferência. De outro lado, pode-se indagar sobre o lugar dessa conferência no interior do grande programa de realização de uma “Conferência Nacional pela Emancipação”, bandeira encampada pelos jornais comunistas de todo o país, a ser realizada nos meses iniciais de 1954.

Kênia Sousa Rios (Universidade Federal do Ceará), “As terras do Sem Fim: migração, viagem e utopia”

Tenho me dedicado já algum tempo a pensar sobre os sentidos da viagem e do deslocamento. Estudando as narrativas de dezenas de retirantes do sertão do Ceará, e outros suportes da oralidade, acabei descobrindo que o ato de se deslocar tem motivação maior do que a tragédia da seca. Parece aproximar-se de algo que seja da ordem do desejo: de encontrar um novo, a surpresa, o espanto ou quem sabe territórios onde a vida seja experimentada ao sabor do acaso, do enfrentamento do diferente, do medo. Uma das possibilidades que se apresentou a mim para o entendimento dos sentidos da narrativa sobre a migração, foi tentar entender nas falas, a apresentação de variados desenhos de um lugar melhor, com características de maravilhoso e utópico, que figurava nos depoimentos, cordéis e contos como algo que impulsionava o desejo pela viagem. Que se colocava para além de simplesmente sair da miséria. Gosto de pensar como umas das inspirações para esse lugar fantástico, aquele que nas novelas populares é conhecido como TERRAS DO SEM FIM. Como nas terras do sem fim, a finalidade imediata não é a chegada e a realização material, no ato de contar, vale ir descobrindo e desejando sempre um lugar melhor, fazendo-o real pela narrativa, pelo dito que faz existir todas as coisas. Deixando mais claro, tenho tentado entender o lugar da construção de uma utopia, de um lugar ideal a partir das falas dos sertanejos sobre o deslocamento, a migração, a viagem e percebo que algumas formas apresentam uma inconfundível familiaridade com os contos populares que circulam no interior do Nordeste, sobretudo aqueles em que o lugar ideal é experimentado como mistério, como segredo, como fantástico. A pesquisa tenta, portanto, entrecruzar alguns suportes da oralidade presente nas memórias sobre o deslocamento no sertão do Ceará, tais como, narrativa oral, contos e novelas populares e literatura de cordel.

Maria Miguel Cardoso (Museu do Trabalho Michel Giacometti – C. M. Setúbal), “9 anos. Comecei a trabalhar na fábrica aos 9 anos (Tia Ana, 2008, Setúbal). Da memória à construção de narrativas presentes: a experiência do Centro de Memórias do Museu do Trabalho Michel Giacometti”

O Centro de Memórias do Museu do Trabalho Michel Giacometti é um projecto de recolha de memória oral que usa metodologias de terreno, histórias de vida e entrevistas temáticas. O processo de recolha é filmado e tem, em contexto museal, o objectivo último de criação de um acervo oral que contribua para o aumento e democratização do conhecimento sobre as realidades sociais passadas, e contemporâneas, de Setúbal. Intimamente ligadas às colecções de museus municipais, como é o caso do Museu do Trabalho Michel Giacometti e do Arquivo Américo Ribeiro, a recolha e a comunicação destas memórias ajuda-nos a recolocar o foco do património na relação entre o homem e o objecto, aproximando-se das comunidades, valorizando-se mutuamente. Neste caminho relacional, que já vai longo, o museu enquanto instituição sofreu, na renovação do seu projecto museográfico, influência directa das actividades de recolha oral que vem praticando. Como resultado, nas exposições permanentes, guiam-nos também a oralidade, e a subjectividade, inerente às experiências individuais recolhidas no Centro de Memórias; adoptando assim narrativas duplas, expondo o belo e o feio, entre o conhecimento produzido e o vivido.

Iñigo Sánchez (INET-md – NOVA FCSH), “O material e o intangível: culturas expressivas e processos de requalificação urbana”

Esta comunicação explora o impacto do processo de requalificação urbana da Mouraria na cultura material, nos universos sociais e nos espaços praticados da vida quotidiana do bairro. Propõe um olhar crítico sobre os seus pontos cegos; sobre os rastros e os restos que ficaram de fora deste processo de transformação da malha urbana do bairro, mas que resistem a desaparecer; sobre os pontos de sutura e as feridas que supuram nessa linha que separa a memória e o esquecimento. Através de diversos materiais etnográficos obtidos durante um prolongado trabalho de terreno no bairro, esta comunicação visa reflectir de modo mais geral sobre as dinâmicas atuais de transformação urbana dos bairros históricos de Lisboa e o papel da cultura nestes processos.